



MINISTÉRIO DA CULTURA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

114a Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural

Brasília, 22 de setembro de 2026.

Processo de Registro do Cortejo da Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito de Guaratinguetá. Nº 01450.007877/2015-81

Quero agradecer a confiança em mim depositada para a emissão deste parecer sobre o pedido de registro do **Cortejo da Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito de Guaratinguetá** como patrimônio cultural brasileiro no Livro de Registro das Celebrações. Devo dizer que, sendo pesquisadora de longa data dos rituais, festas e performances das culturas populares no país, esta relatoria me despertou profundo interesse face à riqueza histórica e densidade antropológica do Cortejo. É com grande satisfação apresento meu parecer.

Tramitação do processo

O pedido de registro do "Cortejo de Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito" de Guaratinguetá, São Paulo, foi apresentado em 15 de junho de 2015 à presidência do IPHAN pela Associação Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito (ACSGSB), formando, em 10 de julho, o processo administrativo nº 01450.007877/2015-81.

Em 19 de maio de 2017, solicita-se documentação complementar, remetida em 20 de julho do mesmo ano. Como persistiam dúvidas acerca da anuência prévia dos detentores, uma sessão pública foi realizada em 3 de fevereiro de 2018, no Auditório do Museu Frei Galvão/Guaratinguetá com a coordenadora de Registro, Marina Lacerda, e o técnico Marcos Rabelo da Superintendência de São Paulo. O encontro com muitos membros da ACSGSBG resultou no apoio formal ao pedido.

A Superintendência de São Paulo emitiu a Nota Técnica nº 11/2019/COTEC/IPHAN-SP e o DPI emitiu a Nota Técnica nº 10/2021/COREG/CGIR/DPI. Em 16 de junho de 2021, a Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial emitiu parecer favorável à pertinência do pedido, então encaminhado para a fase de instrução técnica.

Redução orçamentária do IPHAN e DPI, entretanto, inviabilizou o apoio direto. Recursos obtidos em agosto de 2024, provenientes de emenda parlamentar, permitiram firmar o Termo de Fomento IPHAN/SP nº 004913/2024 com o Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP) de São José dos Campos, instituição civil sem fins lucrativos, já

parceira do IPHAN em outras ocasiões. Segue-se a retenção dos recursos por divergências entre o STF e o Congresso Nacional acerca das emendas parlamentares.

A pesquisa de instrução técnica se iniciou em janeiro de 2025, com levantamento bibliográfico e entrevistas com membros da ACSGSBG, demais instituições e pessoas participantes do Cortejo e pesquisadores locais. Foi seguida de observação em campo acrescida por fotografias e materiais audiovisuais, e pesquisa complementar em abril de 2026 graças ao aditamento do Termo de fomento até dezembro do ano corrente.

A primeira versão do dossiê completo, composta por texto de natureza etnográfica e histórica, filme de longa duração e outro de curta, documentação fotográfica arquivística e atual, foi encaminhada em maio de 2026 e a versão final entregue em meados de julho último.

Decorreram, assim, onze anos entre o pedido inicial e a conclusão da instrução que superou de forma bem-sucedida dificuldades e obstáculos de diversas naturezas encontrados no caminho.

O Bem Cultural. Breve histórico

O Cortejo é uma expressão cultural católica realizada anualmente em devoção a São Gonçalo e São Benedito, na cidade de Guaratinguetá/São Paulo, no Vale do Paraíba do Sul, e coordenada pela Associação Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito (ACSGSB). No contexto das celebrações da Semana Santa, sua principal manifestação acontece no Domingo de Páscoa, quando o Cortejo, em procissão altamente ritualizada, composta por pessoas montadas em cerca de 2000 cavalos e muares atravessam ordenadamente diversos bairros da cidade perfazendo um percurso de cerca de 20 km. O Cortejo articula-se com a Festa de São Benedito, tanto pela escolta da procissão do mastro da festa que corresponde a relevante etapa ritual do percurso do domingo, como pelo acompanhamento da procissão de São Benedito na segunda-feira, Dia de São Benedito em Guaratinguetá. O preparo do Cortejo se inicia em janeiro e a devoção aos santos padroeiros, que inclui missas, terços, novenas, orações e compromissos familiares, se amplia ao longo do período abarcando conhecimentos e responsabilidades distribuídos entre diferentes grupos participantes religiosos e não religiosos.

Como indica o dossiê, o Cortejo mais do que um desfile ou cavalgada entre amigos, é "um espaço de compromisso, devoção, organização coletiva e de produção de identidade e pertencimento a uma tradição", que, além disso, "extrapola o âmbito estritamente religioso alcançando diversas esferas da vida social e consolidando-se como um marco da identidade cívica local". Trata-se de uma expressão cultural singular cheia de articulações com múltiplas redes, que se abre para o mundo sociocultural contemporâneo. Construídas e ressignificadas desde o século XVIII, tais redes se espriam desde Guaratinguetá para todo o Vale do Paraíba, e trançam elos relevantes com expressões culturais e modos de vida de todo o país.

Para o inventário, o Centro de Estudos da Cultura Popular de São José dos Campos contratou pesquisadores nas áreas de história e antropologia, geografia, história, arqueologia, preservação patrimonial, e artes cênicas. Com base em bibliografia conceitual pertinente, além da observação em campo, procedeu-se ao registro de narrativas de memória orais ou escritas de sujeitos de distintas camadas sociais; ao estudo da obra de relevantes pesquisadores locais e regionais e de documentação encontrada no Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão, entre outros elementos; ao estudo da bibliografia de fundo sobre a região, entre a qual se destacam o trabalho da socióloga Lucila Herrmann (1948. *A evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de 300 anos*), e os estudos do folclorista Alceu Maynard Araújo. Os excelentes documentários de curta e longa duração complementam o denso texto do dossiê com a vivacidade das imagens, sonoridades e depoimentos de detentores.

A pesquisa realizada encontrou fios de continuidade cultural que, rearticulados no contexto da formação atual do Cortejo, o configuram como um processo ritual que relê, desde o ponto de vista de seus múltiplos atores, sua própria memória afetiva e sócio-histórica sobreposta à própria história de Guaratinguetá. O olhar lançado sobre o passado revelou como a devoção aos dois santos padroeiros da Cavalaria – São Benedito e São Gonçalo – abrange interações entre distintos atores sociais, alimenta narrativas memorialísticas e históricas por vezes diversas. Como sugere o dossiê, moldado pelo contato e pela convivência entre gerações de moradores, associações e instituições do município, a historicidade do Cortejo repousa em sua "capacidade de incorporar elementos diversos [ao longo do tempo] e assim (re)produzir reconhecimento e sentido coletivos".

Fios de continuidade cultural nos levam ao Brasil colonial do século XVIII, quando a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, era ponto estratégico para tropas que ligavam o interior de Minas Gerais à vila portuária de Paraty, ou o Vale do Paraíba à Fazenda Real de Santa Cruz e porto do Rio de Janeiro. No dossiê, um item histórico examina o Tropeirismo, que abarca os **"Saberes do Caminho"**: um conjunto de conhecimentos relacionados ao modo de vida de homens livres, escravizados e forros que percorriam tais rotas com cavalos e muares, carregando, além de víveres e bens, o culto a São Gonçalo, o santo protetor dos caminhantes, violeiro e dançarino. O livro Tombo da Matriz de Santo Antônio, em registro de 1757 (que recupera informações do Primeiro Livro Tombo, danificado em enchente), indica a construção de uma Capela em 1726 "pela devoção dos homens do caminho". Também Lucila Herrmann, em seu trabalho já citado, refere-se à construção na mesma data de uma "nova Igreja, de São Gonçalo, no rio Comprido" – hoje Ribeirão São Gonçalo, que corre no território hoje urbano na margem leste do rio Paraíba, de povoamento mais antigo. Em meados do século XVIII, a devoção a São Gonçalo teria encontrado um nicho nos **"Saberes do Rosário"**. O termo, proveniente de dossiê anterior (2023), designa o universo abarcado

pela devoção a São Benedito, "santo cozinheiro", "santo negro", ou "o mouro". Muito popular em todo Vale do Paraíba e adjacências, associado ao culto de Nossa Senhora do Rosário, essa devoção articula o catolicismo popular à história e memória da escravização e às tradições da população afro-brasileira.

O Cortejo da Cavalaria de Guaratinguetá traz consigo a história do entrelaçamento entre os Saberes do Caminho e os Saberes do Rosário. Vejamos.

Em 1757, segundo o já citado registro documental, a Irmandade dos Pretos Cativos de São Benedito passou a cuidar da Capela de São Gonçalo, nela instalando a imagem de São Benedito e seu culto. A posse da Capela pela Irmandade foi oficializada em 1768 pelo bispado de São Paulo e, junto à imagem de São Benedito, a de São Gonçalo teria sido preservada no altar da antiga capela. Entre 1891 e 1898, a Irmandade ergueu no local uma igreja dedicada a São Benedito na frente da antiga capela, cuja acesso passou a se dar pela lateral do altar central da nova igreja. Em 1940, a antiga capela foi demolida, indicando o descenso da devoção explícita a seu orago. Explícita porque, como argui o dossiê, essa devoção teria subsistido como que fundida aos **Saberes do Caminho**, um universo que ganhou memória viva e ritualizada, religiosa ou não, na formação das diversas Cavalarias da região. Nesse período em que a popularidade de São Benedito se sobressai, já emergem na oralidade, associados à Festa de São Benedito, os primeiros nomes de chefes da Cavalaria de Guaratinguetá. A descrição da Festa dos anos 1940 por Alceu Maynard Araújo já apresenta a Cavalaria, composta por homens negros e brancos, plenamente incorporada às celebrações. O "Congo" negro Sr. Getúlio teria sido seu primeiro chefe, com provável atuação nos anos 1920/1930.

Nessa primeira metade do século XX, a organização urbano-religiosa das paróquias locais sofreu alteração de grande impacto no imaginário e nas práticas devocionais. Em 1928, o desmembramento da Paróquia de Santo Antônio (bairro de Santo Antônio) criou a Paróquia do Puríssimo Coração de Maria, cuja sede deveria ser instalada na Igreja de São Benedito que abrigava o culto ao santo. Ergueu-se então no bairro vizinho Campo do Galvão, em 1935, uma nova igreja em homenagem ao santo (a Capela de São Benedito que abriga atualmente o mastro de sua festa). A antiga Igreja de São Benedito, situada junto à Praça de São Gonçalo, entretanto, só fecharia as portas nos anos 1970, quando se iniciou uma reforma para a instalação em seu lugar da Igreja do Puríssimo Coração de Maria, inaugurada em 1981.

Nesse ínterim, se inicia uma nova etapa da história do Cortejo sempre entrelaçada à da devoção aos dois santos. Nos anos 1970, quando nele sai a primeira mulher, a Cavalaria é reconhecida como Cavalaria de São Benedito. A partir dos anos 1980, a devoção a São Gonçalo viu-se gradualmente ativada e, em 1992, a retomada pública dessa devoção se explicita com a institucionalização da Cavalaria como ACSGSB e a saída do andor com a imagem dos dois santos no Cortejo do Domingo de Páscoa.

A integração da devoção a São Gonçalo no Cortejo da Cavalaria resulta de movimento de reconstrução historiográfica e memorialista iniciado nos anos 1990 e atualmente em pleno curso, do qual participam também a Cavalaria e a Irmandade de São Benedito e as Paróquias locais. Seu centro motor é a produção escrita ressonante de intelectuais locais e regionais – Tom Maia, Benedito Coupé, José Luiz Pasin, Ismênia Camargo Faro – entre os quais destaco Theresa Maia (nascida em 1935), cujo interesse pelas tradições populares foi despertado por sua antiga professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro (1912-1983), natural de Aparecida e renomada pesquisadora do folclore regional. Thereza é autora de obra relevante sobre a história e a memória locais e regionais e foi membro fundadora e diretora de duas instituições chaves para a reconstrução da memória do Cortejo: O Museu Frei Galvão e o Arquivo Memória de Guaratinguetá, ambos criados nos anos 1970. Em meio a esse movimento, configura-se a tendência a associar a construção da Capela de São Gonçalo em 1726 à origem da própria Cavalaria, bem como a fundação da Irmandade em 1757 à Festa de São Benedito. Ambas tendências, nos informa o dossiê, são atualmente dominantes entre a população e participantes.

Esse próprio movimento de reconstrução da memória do Cortejo merece contextualização. Nos mesmos anos 1970 em que se criam instituições culturais dedicadas à salvaguarda da memória e história, e a Cavalaria se intitula "de São Benedito", o fechamento da antiga Igreja que abrigava o culto a São Benedito e mantinha em seu altar a imagem original de São Gonçalo acarretou a doação dessa imagem ao Museu do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, onde se encontra até nossos dias. Porém, uma réplica da imagem de São Gonçalo, encomendada por Theresa Maia à indústria local Luchesi, foi incorporada à nova Igreja inaugurada em 1981, restaurando a parceria devocional entre os dois Santos, marcando o início da gradual retomada da devoção a São Gonçalo junto a de São Benedito.

Nos dois dias do Cortejo, as duas vertentes de tradições se interpenetram. Como disse aos pesquisadores o Sr. Geraldo Terra, homem negro, 89 anos em 2025, com mais de 70 anos de vivência na Cavalaria e há muitos anos seu presidente de honra, São Benedito e São Gonçalo andam sempre juntos. Abrem também espaço para outras devoções. Às imagens centrais dos dois santos padroeiros, a Cavalaria incorpora outras imagens a seu Cortejo, como as de Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio de Pádua (padroeiro de Guaratinguetá), de Santo Antônio de Sant'Ana Galvão (Frei nascido 1739 em Guaratinguetá e canonizado em 2007 pelo Papa Bento XVI), de Jesus Ressuscitado, do Puríssimo Coração de Maria. São imagens que se apresentam também nos altares que ladeiam as ruas do centro e adjacências do percurso do Domingo de Páscoa em predominam aquelas de São Benedito, sendo mais tímida a presença das de São Gonçalo. Essa presença do amplo universo das práticas e representações devocionais do catolicismo popular extrapola a significativa atuação da Igreja Católica na região.

Detentores e percurso do Cortejo

A ACSGSB, uma associação civil sem fins lucrativos, de caráter cultural, assistencial e religioso católico, foi criada em março de 1992 destinada à preservação da memória e à organização do Cortejo. Dialoga com a Igreja e os poderes públicos, como a prefeitura, órgãos de segurança e apoio. Entre 1975 e 1994, a Cavalaria passou de 485 cavaleiros a cerca de 1500 participantes montados, já contando com a participação de Aparecida e Lorena entre outras cidades da região. Esse crescente aumento de interesse de participação no Cortejo requereu o estabelecimento de regras que prescrevem o posicionamento dos demais quatro clubes de cavalos e dois de muares, agrupamentos facilmente reconhecíveis por meio do código visual característico (trajes, emblemas, broches, flâmulas, cores específicas para os adereços como as gravatas e fitas). Sendo a parceria humana com os animais central ao Cortejo, merece destaque o Termo de Ajuste de Conduta (TAC) que proíbe maus tratos aos animais além do consumo de bebidas alcoólicas pelos participantes. Valendo internamente desde 2017, o TAC foi firmado pelo Presidente da Cavalaria, Sr. Fernando Guimarães, com o Ministério Público em 2025 e determina também o número máximo de animais por agremiação participante: 120 cavalos/éguas e 150 muares. No mesmo ano, a Associação foi reconhecida como entidade de utilidade pública pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Antes disso, em 2008, o Cortejo da Cavalaria foi eleito uma das "Sete Maravilhas de Guaratinguetá", em votação popular no concurso organizado pela Câmara Municipal, sendo a única celebração popular eleita entre prédios e sítios históricos.

Os membros da Associação denominam-se Mantenas, montam cavalos ou éguas e zelam pelo bom andamento do Cortejo. Vestem figurino branco, portam chapéu claro – retirado e recolocado na cabeça em respeitosa saudação às ovações e chamadas do público. Além das insígnias de devoção e pertencimento, trazem na lapela um cravo vermelho, em homenagem a São Gonçalo. Trata-se de inovação sugerida pela pesquisadora Theresa Maia, que tendo ido a Amarante/Portugal em busca de mais conhecimentos acerca desse santo, tomou conhecimento desse símbolo devocional. Os Mantenas dividem-se em diferentes categorias: fundadores; honorários; efetivos; experimentais; e mirins. A ala dos Mantenas mirins, que reúne jovens entre 13 e 18 anos, bem expressa o empenho da Cavalaria na transmissão de saberes às novas gerações. O próprio presidente atual, Sr. Fernando Guimarães, 62 anos, relata sair na Cavalaria desde os dez anos. Os Mantenas exercem diferentes funções para o bom andamento do Cortejo e participam obrigatoriamente da novena de São Benedito e São Gonçalo que o antecede: as nove missas são celebradas na Igreja do Puríssimo Coração de Maria, a antiga Igreja de São Benedito. As missas contam com a presença do rei e rainha da festa anual (membros da Irmandade) e sua corte, bem como de inúmeras associações católicas da região (como as de Guará, Aparecida, Lorena e Cunha).

Depois dos Mantenas, alinham-se os clubes surgidos em sua maioria depois da criação da Associação em 1992. Reúnem tanto amantes das cavalgadas, modernos tropeiros ou muladeiros, admiradores do Cortejo como devotos dos dois santos. Entre eles, destaco o Clube dos Muladeiros e Tropeiros que, sediado em paróquia distante da cidade, trazem os animais paramentados com os arreios típicos das antigas tropas e realizam o “Terço dos Muladeiros e Tropeiros de Guaratinguetá para as Famílias e Amigos” perante altar decorado com objetos alusivos ao antigo mundo tropeiro. Há ainda a Fila de Branco, da qual participam devotos e modernos cavaleiros, tropeiros e muleiros trajados de branco, com emblema da Associação, cadastrados anualmente mediante pequena taxa. Os uniformes, adereços e insígnias codificam hierarquias, organizam visualmente o Cortejo e conferem solenidade ao percurso.

Os animais integrantes do Cortejo compõem uma unidade estética e simbólica com as pessoas montadas. Podem ser de sua propriedade, ou serem alugados, ou mesmo emprestados como parte da devoção. A Associação regulamenta os objetos de arreio permitidos: sela, baldrana, pelego e tala, proibindo chicotes, rebengues, laços ou porta-capas. Há a memória do aprendizado e fabrico local de arreios – e mesmo a afetiva guarda de arreios antigos – que poucos ainda produzem. Na atualidade, os arreios são geralmente encomendados na Selaria de Queluz, cidade do Vale do Paraíba próxima a Resende (RJ). A Selaria integra a ativa rede de trocas que interliga diversas cidades no Vale do Paraíba: é ela mesma uma herança familiar, núcleo de transmissão de saberes relacionados à montaria.

No Domingo de Páscoa, o Cortejo, que impõe grande visibilidade, associa-se, a partir de certo ponto, à Procissão do Mastro, organizada, por sua vez, pela Irmandade de São Benedito, presidida pela Sra. Izolina Silva. Os preparativos requeridos por todo o Cortejo são pontuados por músicas, cantos e danças próprios e contam com amplo apoio e envolvimento dos amigos, vizinhos, visitantes e familiares. O Domingo se inicia com o Café das autoridades oferecido pela ACSGSB, em prédio ao lado da antiga estação ferroviária tombada pelo CONDEPHAAT. O Café é ofertado em agradecimento ao apoio de representantes do poder público, dos bombeiros, polícias militar e rodoviária federal, da Igreja e paróquias e demais participantes. Enquanto isso os cavaleiros e cavaleiras, tropeiros e muleiros ultimam preparativos compondo seu traje e dedicando cuidados aos animais a serem transportados por caminhões e carretas até o ponto de concentração do Cortejo no bairro Chácara do Selles. Motos, veículos da polícia, carro de som (que conduzirá o percurso com hinos, orações, bençãos e discursos), carros com andores, abrem o Cortejo. Bandeiras e estandartes são levados pelos Mantenas, trazendo à frente o Sr. Geraldo Terra (89 anos), presidente de honra vitalício da Associação e o presidente Fernando Guimarães (62 anos). Seguem-se os demais agrupamentos da Associação, a Fila de Branco e os clubes já mencionados.

Ao longo do extenso roteiro, os cavaleiros formam duas filas paralelas. Pontuado por paradas para celebrações, o cortejo como um todo reaviva a memória histórica e

afetiva do amplo conjunto de participantes do qual faz parte o público reunido nas ruas, janelas, cemitérios e praças. O Cortejo em sua manifestação torna-se também a celebração viva da própria história e memória de Guaratinguetá.

Tudo começa na margem direita do rio Paraíba do Sul, no bairro Chácara do Selles, mais afastado do centro. O Cortejo segue rumo ao bairro vizinho Campo do Galvão, onde se situa o Cemitério Senhor dos Passos, de meados do século XIX, no qual muitos dos membros da Irmandade e devotos de São Benedito estão enterrados. Há parada para discursos, orações e homenagens públicas e pessoais. Segue seu curso, passando por prédios históricos (bens do século XIX tombados pelo CONDEPHAAT) rumo ao centro onde as calçadas cheias do público abrigam inúmeros altares devocionais. Para diante do Hospital Maternidade Frei Galvão para benção aos internados e cruza, então, o rio Paraíba do Sul (Ponte Ademar de Barros), rumo ao Cemitério Municipal, localizado no bairro mais distante do Pedregulho. Nas ruas desse bairro, também muitos altares devocionais ladeiam a passagem do Cortejo saudada por todos. Depois das homenagens no cemitério, o Cortejo cruza de volta o rio (Ponte Dr. Zerbini) rumo ao bairro Campo do Galvão, onde se situa a Capela de São Benedito, na qual repousa o mastro da festa do santo. Na Capela, aguardam a chegada do cortejo, a Irmandade de São Benedito com os reis da festa e sua corte, os tocadores das caixas, e grupos de Congada e Moçambique, vindos também de outras cidades como Lorena, Nova Guará, São José dos Campos, Monteiro Lobato. Esse novo agrupamento seguirá compondo a procissão de carregamento do mastro que, com seu chefe acompanhado de esposa, é carregado por cerca de 30 homens e mulheres. A Cavalaria escolta a procissão que segue rumo ao bairro de São Benedito, atravessando o Ribeirão São Gonçalo.

Chegam às ruas que ladeiam a Praça São Gonçalo junto à Igreja do Puríssimo Coração de Maria (anteriormente São Benedito). Ergue-se o mastro e os devotos montados contornam a Igreja. Um carro policial chega com os andores dos dois santos que serão levados em procissão ao altar central da igreja e o presidente da Cavalaria encerra o Cortejo com discurso de agradecimento a todos. Os Mantenas saúdam o público presente em despedida, perfazem a manobra da meia-lua, um giro quase completo ao redor da Praça, com o que se retiram do cenário da festa (em 2025, o carro do som tocou nesse momento o Tema da vitória de Ayrton Senna).

Na Segunda-Feira, a Festa de São Benedito se inicia com a Alvorada, seguida do Café de São Benedito. A corte da festa vem da sede próxima da Irmandade para a missa solene que antecede a tradicional distribuição dos doces de São Benedito, preparados no Sábado de Aleluia. A festa segue e, depois de missa vespertina, por volta das 17h, sai a procissão de São Benedito que, organizada pela Irmandade, carrega a imagem de São Benedito. Aberta com a Santa Cruz, seguida dos padres da paróquia, dos caixeiros e do estandarte da Irmandade, a procissão perfaz com a mesma formação da véspera percurso em volta da região central com a escolta da Cavalaria, que carrega a imagem de São Gonçalo.

No dossiê, as Tabelas Anexas 4 e 5 listam os bens culturais e naturais associados ao Cortejo em seu expressivo percurso.

6. Salvaguarda e Conclusões

O Cortejo da Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito, bem cultural objeto do registro, consiste, como relatado, em uma procissão devocional equestre anualmente vivenciada e encenada no contexto da Semana Santa de Guaratinguetá, seu território nuclear. Organizado pela ACSGSB, a manifestação central acontece no Domingo de Páscoa, e integra, em trecho de seu percurso característico, a escolta da procissão do mastro que anuncia a realização, no dia seguinte, da Festa de São Benedito, organizada pela Irmandade de São Benedito. Em Guaratinguetá, essa segunda-feira posterior à Páscoa é o Dia de São Benedito, quando a procissão em homenagem ao santo é também escoltada por membros do Cortejo da Cavalaria. O Cortejo não se confunde, entretanto, com a ACSGSB que o coordena e o organiza, e nem com as celebrações da Semana Santa ou a Festa de São Benedito. Sua singularidade configura um ritual de ampla significação que apresenta grande capacidade de agregação e de mediação entre distintos saberes e veios de tradição.

No Cortejo, a devoção aos santos padroeiros articula-se não só a um expressivo conjunto devocional do catolicismo popular, como aos universos, bem sintetizados no dossiê, dos Saberes do Caminho e do Rosário. A devoção a São Gonçalo, o padroeiro dos caminhos, abarca a memória revivida do tropeirismo, com o gosto pelo trânsito regional no Vale do Paraíba com o conhecimento das rotas, do meio ambiente, do valor dos animais de montaria integrados à interação humana devocional. A devoção a São Benedito, o santo cozinheiro negro, reaviva o culto a Nossa Senhora do Rosário e santos de expressiva devoção ligada às tradições afro-brasileiras, que trazem as formas comunitárias e celebrações articuladas pelas irmandades. Interligadas de modo ímpar no Cortejo, ambas devoções dialogam com devoções congêneres espalhadas pelo país.

A retomada da memória da devoção a São Gonçalo pelo Cortejo da Cavalaria iniciada nos anos 1980 e explicitada nos anos 1990 corresponde a um movimento amplo que agrega diferentes atores, instituições e grupos sociais, e do qual a Associação da Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito com o Cortejo por ela coordenado é parte expressiva. Como bem precisa o dossiê, essa retomada deve ser entendida como uma atualização da tradição do Cortejo que não substituiu componentes e significados já existentes: novos elementos somaram-se aos anteriores sobrepondo em um único processo ritual etapas diversas de sua própria tradição, postas em movimento vivo em seu ciclo devocional anual.

A transmissão geracional dos saberes e práticas que produzem o Cortejo ocorre em dois circuitos que se alimentam mutuamente. 1) Há a transmissão oral das conversas e narrativas no círculo de amigos, parentes, vizinhos, paroquianos, cidadãos,

associados da Cavalaria e irmãos religiosos. Trata-se de transmissão de teor especialmente afetivo, que ocorre no fluxo cotidiano da vida social e ativa continuamente elementos próximos ou distantes da memória e lembranças de antigas vivências dos detentores. 2) Há a transmissão escrita, inscrita nos documentos abrigados pelas expressivas instituições de cultura da região e do município, que abrangem não só os museus, arquivos históricos e etnográficos com suas expressivas publicações como também a Igreja Católica com sua Arquidiocese em Aparecida e paróquias locais; os jornais e revistas diversos; os órgãos municipais; a Irmandade de São Benedito e a própria Cavalaria institucionalizada em sua Associação. Nesse âmbito, se destaca a produção bibliográfica da rede de uma geração de intelectuais engajados na reconstituição da memória da Cavalaria, de seu Cortejo, e da devoção a seus dois santos padroeiros.

As fronteiras entre os dois circuitos de produção de saberes e conhecimentos são fluídas, se interpenetram e se movimentam ao longo dos ciclos rituais anuais do Cortejo. A devoção aos dois santos padroeiros celebrada no Cortejo vem, assim, articular-se à celebração de sua própria existência, que se confunde com a história do município, do território urbano e seu povoamento. O Cortejo destaca a singularidade de Guaratinguetá e de sua Cavalaria no contexto regional, e mesmo nacional, abrigando múltiplas camadas de significados rearticuladas a cada ano num ritual de grande dinamismo.

As principais ações de salvaguarda indicadas pelo dossiê e retomadas pelo parecer conclusivo do IPHAN, às quais se somam meus comentários, seguem listadas abaixo. Recomendam-se:

1) A ampliação junto a escolas, universidades, museus, instituições culturais regionais de ações de educação patrimonial relacionadas à história e significado da Cavalaria de Guaratinguetá e de seu Cortejo. O interesse local e regional já existente por essa história se evidencia no dossiê. Trata-se de estimular o fomento à ampliação de tais ações por meio do estabelecimento de parcerias relevantes que estimulem as ações de registros documentais e de memórias não só da Cavalaria como dos demais agrupamentos participantes do Cortejo, ampliando seu envolvimento junto ao protagonismo da Associação. Vale estender esse esforço à ampliação do conhecimento da história e memória da própria Irmandade, iluminando sua perspectiva de articulação ao Cortejo, e em sua relação com as demais Irmandades e Festas de São Benedito da região. No texto do dossiê, os três séculos de história abarcados pelo estudo do Cortejo trazem inúmeras e sugestivas pistas que merecem aprofundamento com futuras pesquisas e podem estimular o interesse de uma nova geração de pesquisadores.

2) O estímulo à criação de um arquivo de memórias dos antigos cavaleiros, incluindo documentação sonora e visual, bem como sua digitalização. Essa é uma ação premente, uma vez que a mais antiga geração viva, corporificada no Sr. Geraldo Terra, nasceu nos anos 1930. A questão decisiva na criação de acervos documentais são as suas condições de conservação, guarda e acessibilidade do público interessado, o que requer

profissionais especializados. A parceria com as universidades, museus e instituições culturais merece consideração.

3) O fomento e a ampliação das iniciativas práticas de transmissão geracional já presentes na Associação e entre seus membros por meio da promoção de encontros, oficinas e atividades formativas conduzidas por cavaleiros e colaboradores já experientes.

4) O estímulo a ações de parte da ACSGSB que promovam e visibilizem a relevância dos cuidados com os animais como parte decisiva do Cortejo, cuja natureza religiosa o distingue de outras tantas Cavalarias da região. Extrapolando a natureza devocional da possibilidade do "empréstimo" dos animais entre os humanos, vale enfatizar os cuidados e bons tratos destinados a eles, integrando-os de modo mais nítido ao contexto devocional.

5) A criação por parte da ACSGSB de um Centro de Referência com a finalidade de guardar a memória produzida sobre o Cortejo, além de promover e difundir a Cavalaria. A memória produzida ganha muitas formas; para além das narrativas orais e escritas, há a documentação sonora, visual, e iconográfica. Observo que um dos elementos condensadores da devoção é a vasta produção de imagens de santos presente no Cortejo, nos andores, nos altares das calçadas, e nos espaços domésticos. Vale aprofundar escolhas nessa linha de ação. Dada a existência de relevantes instituições culturais guardiãs da memória local – o dossiê menciona, entre outras coisas, a existência do Fundo da Cavalaria no Museu Frei Galvão/Arquivo Memória de Guaratinguetá – vale considerar o estabelecimento de colaborações, parcerias e apoio.

O Cortejo da Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito, cuja riqueza cultural busquei apresentar, profundamente ligado à celebração devocional dos santos, transcende sua natureza religiosa, abarcando distintas esferas da vida social e consolidando-se como tradição que marca também a identidade cívica de Guaratinguetá. Trata-se de uma expressão cultural de grande capacidade agregadora que se abre para um mundo sociocultural contemporâneo cheio de articulações com múltiplas redes. Construídas e ressignificadas desde o século XVIII, tais redes se espriam desde Guaratinguetá para todo o Vale do Paraíba; e trançam elos relevantes com expressões culturais e modos de vida de todo o país. Por essas razões este parecer é plenamente favorável a sua inscrição no Livro de Registro das Celebrações.

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 2026.

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ)
Conselheira Representante da Sociedade Civil